

Estamos diante de pelo menos 2 tendências. Primeiro, a crescente participação das economias em desenvolvimento nos fluxos globais de IDE tende a intensificar nestes os efeitos da desaceleração econômica corrente das economias centrais. Ou seja, a depender da crescente participação das economias em desenvolvimento na distribuição dos fluxos globais de IDE, estas serão mais contagiadas pela retração de economias desenvolvidas do que no passado. Segundo, os impactos negativos do ciclo econômico tendem a ser mais intensos e mais duradouros nos fluxos de IDE para economias centrais do que para economias em desenvolvimento. Os fluxos de IDE para estas irá se reduzir, mas se reduzirá em menor intensidade do que os fluxos de IDE para economias já desenvolvidas. Se isso estiver correto, estamos então diante da tendência de continuidade do aumento da participação dos fluxos de IDE destinados para economias em desenvolvimento.

## **CICLO ECONÔMICO INTERNACIONAL TENDE A AUMENTAR A PARTICIPAÇÃO DE PAÍSES EMERGENTES NOS FLUXOS GLOBAIS DE INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO.**

A interdependência entre economias pode ocorrer de 3 formas. A primeira delas resulta dos fluxos de comércio internacional de bens e serviços. Trata-se do mais tradicional canal pelo qual os ciclos econômicos são transmitidos entre diferentes países. O segundo tipo de canal consiste nas transações de ativos financeiros, como títulos de renda fixa e variável, além de relações de crédito. O terceiro canal de interdependência resulta da internacionalização da produção por meio de fluxos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE). De acordo com a literatura internacional, as relações econômicas resultantes de projetos de IDE tendem a gerar maior correlação entre ciclos econômicos de diferentes países do que as relações de comércio exterior. A sincronia entre ciclos econômicos de economias distintas se torna mais acentuada e mais duradoura se a relação entre as mesmas for baseada em Investimentos Diretos Estrangeiros do que se a mesma derivar de relações comerciais. Ou seja, fluxos de IDE são importantes canais de transmissão de ciclos econômicos.

Como as relações bilaterais resultantes de fluxos de IDE contribuem para a sincronia de ciclos econômicos? Primeiro, condições econômicas menos favoráveis no país de origem do IDE podem afetar os fluxos de recursos em detrimento da filial localizada no país hospedeiro do IDE, o que pode resultar em redução do emprego, de salários e de investimentos. Segundo, se há mobilidade de capitais entre duas economias, então decisões de poupança e de investimento na matriz de uma empresa transnacional tendem a afetar os preços de ativos financeiros na economia hospedeira do IDE. Finalmente, se empresas estrangeiras introduzem novos processos no mercado da economia hospedeira do IDE, então as firmas locais tendem a se beneficiar da difusão da nova tecnologia.

O que a literatura também aponta é que a causalidade inversa também ocorre. Ou seja, é verdade que fluxos de IDE são capazes de afetar ciclos econômicos, mas ciclos econômicos, por sua vez, também são capazes de afetar fluxos de IDE. Ciclos econômicos aumentam a incerteza e reduzem o horizonte temporal necessário para decisões de investimento. Credores são avessos ao risco. Assim, quando aumenta a incerteza na economia, o financiamento de atividades de IDE se torna menos atrativo. Nesse contexto, credores tendem a aumentar as suas taxas de empréstimos e de financiamentos, o que reduz a lucratividade do investidor.

O que se sabe da natureza desta segunda causalidade é que flutuações da mesma magnitude em um ciclo recessivo e em um ciclo expansivo apresentam efeitos de magnitude diferenciada nos

**Boletim da SOBEET**

**Tel/fax: 55 11 3078-9236**

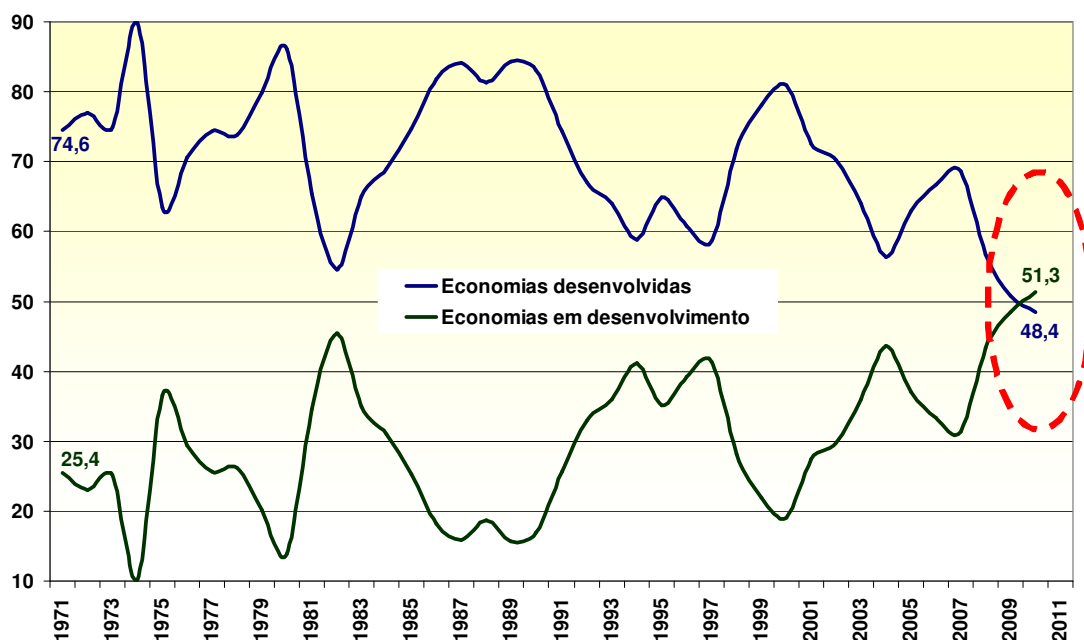
**e-mail: [sobeet@sobeet.org.br](mailto:sobeet@sobeet.org.br)**

**site: [www.sobeet.org.br](http://www.sobeet.org.br)**

fluxos de IDE. Sabe-se que a volatilidade do ciclo econômico durante uma recessão apresenta impactos mais significativos nos fluxos de IDE do que durante ciclos expansionistas. Além disso, efeitos negativos de ciclos econômicos em períodos de contração da atividade afetam mais significativamente economias desenvolvidas do que economias emergentes. Além de mais intensos, os efeitos de ciclos recessivos nos fluxos de IDE tendem também a ser mais duradouros em economias desenvolvidas do que em economias emergentes.

O que isso nos indica na atual conjuntura? Se a experiência passada for uma boa sinalizadora dos eventos futuros, estamos então diante de pelo menos 2 tendências. Primeiro, a crescente participação das economias em desenvolvimento nos fluxos globais de IDE tende a intensificar nestes os efeitos da desaceleração econômica corrente das economias centrais. Ou seja, a depender da crescente participação de economias em desenvolvimento na distribuição dos fluxos globais de IDE, economias em desenvolvimento serão mais contagiadas pela retração de economias desenvolvidas do que no passado. Segundo, os impactos negativos do ciclo econômico tendem a ser mais intensos e mais duradouros em fluxos de IDE para economias centrais do que para economias em desenvolvimento. Os fluxos de IDE para estas irá se reduzir, mas se reduzirá em menor intensidade do que os fluxos de IDE para economias já desenvolvidas. Se isso estiver correto, estamos então diante da tendência de continuidade do aumento da participação dos fluxos de IDE destinados para economias em desenvolvimento. Se em 2010 as economias em desenvolvimento foram, pela primeira vez, destino de mais de 50% dos fluxos globais de IDE, como se observa na figura a seguir, de 2011 em diante esta participação deverá aumentar ainda mais.

**PARTICIPAÇÃO DE ECONOMIAS DESENVOLVIDAS E EM DESENVOLVIMENTO COMO DESTINO DOS FLUXOS GLOBAIS DE IDE (%)**



Fonte: UNCTAD Elaboração: SOBEET

#### Bibliografia:

Jansen, W. Jos Stokman, Ad C.J. (2004), Foreign Direct Investment and International Business Cycle Comovement, ECB Working Paper No. 401; De Nederlandsche Bank Monetary & Economic Policy Working Paper No. 2003-10.

Wu, Jyun-Yi, Hsu, Ruey Yau, Chih-Chiang; Foreign Direct Investment and Business Cycle Comovements: The Panel Data Evidence; Department of Economics, National Central University; June, 2009

**PRESIDENTE:** Luis Afonso Lima (Grupo Telefónica)  
**VICE-PRESIDENTE:** Reynaldo Passanezi (BBVA)  
**DIRETOR:** Nicola Tingas (Acrefi)  
**DIRETOR:** Eduardo Luiz Machado (IPT)  
**DIRETOR:** Frederico Turolla (Pezco)  
**DIRETOR:** José Augusto Guilhon de Albuquerque  
**DIRETOR:** Ernesto Lozardo (FGV/EAESP)  
**DIRETOR:** José Roberto de Araujo Cunha Junior (FIA/USP)  
**DIRETOR:** Roberto Padovani (WestLB)  
**DIRETOR:** Fernando Sarti (Unicamp)

**CONSELHO CONSULTIVO:**

**PRESIDENTE:** Hermann Wever (Siemens Brasil)  
**André Costa Carvalho** (UBS Investment Bank); **Antônio Corrêa de Lacerda** (PUC-SP); **Antonio Prado** (BNDES); **Armando Castelar Pinheiro** (IPEA); **Arno Meyer**; **Carlos Eduardo Carvalho** (PUC-SP); **Carlos Kwall** (Banco Safra) ; **Christian Lohbauer** (Associação Nacional dos Exportadores de Cítricos); **Gustavo Franco** (Rio Bravo Investimentos); **John E. Mein** (Consentes); **Luciano Coutinho** (BNDES); **Marcelo Resende Allain** (FIPE/USP); **Maria Helena Zockun** (FIPE-USP); **Maurício Mesquita Moreira** (BID); **Octavio de Barros** (Bradesco); **Otaviano Canuto** (BIRD); **Renato Baumann** (IPEA); **Ricardo Bielschowsky** (CEPAL-Brasil); **Rolf-Dieter Acker** (BASF); **Rubens Barbosa** (Ex-Embaixador do Brasil em Washington); **Rubens Ricupero** (Ex-Secretário Geral da UNCTAD); **Sandra Polónia Rios** (CNI); **Vera Thorstensen** (FGV); **Virene Roxo Matesco** (EPGE/IBRE-FGV-RJ); **Winston Fritsch**.

Tel/fax: 55 11 3078-9236 - e-mail: [sobeet@sobeet.org.br](mailto:sobeet@sobeet.org.br) site: [www.sobeet.org.br](http://www.sobeet.org.br)

## MANTENEDORES



The Chemical Company



# SIEMENS

ThyssenKrupp Metalúrgica  
Campo Limpo

Uma Empresa ThyssenKrupp Technologies



ThyssenKrupp

## PARCERIA

ECONÔMICO  
**Valor**